

Vem desde o próprio Jesus do Novo Testamento, em cuja doutrina há elementos budistas, confucianistas, pitagóricos e teosóficos em grande quantidade, e de enorme qualidade.

Vejamos um exemplo prático disso. Jesus ensinava não só sobre Carma - a lei do plantio e da colheita - mas também a respeito da reencarnação:

Jesus Ensinou Sobre Reencarnação

A Reencarnação Segundo o Cristianismo

O pitagorismo e o platonismo, praticamente sinônimos de teosofia antiga, estão presentes tanto no judaísmo como no cristianismo dos primeiros séculos. A presença da teosofia teve também grande força no Cristianismo da Idade Média.

Debaixo da superfície - em que atuam o dogma oficial e as lutas pelo poder político eclesiástico ou por posições de influência na sociedade - existe uma “linhagem” teosófica, uma linha de ação filosófica e mística, bem informada, lúcida, universal. E ela esteve sempre presente na religião cristã, embora sua luz fosse com frequência pálida e trêmula, devido à constante perseguição que sofria. Mas esta luz renasce a todo momento.

Nos séculos finais do mundo medieval, temos Pierre Valdo, Francisco de Assis, e Antônio de Lisboa e Pádua, entre outros reformadores e místicos. Todos eles têm muitos pontos em comum com a teosofia moderna.

Talvez não seja por mero acaso que o franciscanismo surgiu quando os Templários estavam no auge da sua trajetória. Mesmo depois da violenta perseguição contra eles, os Templários nunca foram completamente extintos, segundo Helena Blavatsky esclarece:

O Mistério dos Templários

Leia mais sobre Templários e Teosofia:

Os Templários, o Livre Arbítrio e a Graça

Primeiro Rei de Portugal Era Cavaleiro Templário

Ainda está por ser feito um estudo mais amplo e um levantamento mais completo de dados sobre a linhagem teosófica e místico-esotérica no Cristianismo. Blavatsky dá elementos numerosos e decisivos para que uma tal construção aconteça. (CCA)

000

Outros textos sobre Teosofia e Cristianismo:

* **A Lição dos Anabatistas**

* **O Evangelho Segundo Confúcio**

* **Reuchlin, o Pai da Reforma**

* **A Filosofia Prática dos Amish**

* **Francisco, o Santo Panteísta**

- * [Oração Para Aqueles que Curam](#)
- * [A Força Espiritual de Manuel Bernardes](#)
- * [Santo Antônio, a Verdade e o Mito](#)
- * [Santo Antônio e a Teosofia do Sol](#)
- * Examine nos websites da LIT a seção temática sobre [Cristianismo e Teosofia](#).

A Árvore e a Reencarnação **Nos Escritos de S. Antônio de Lisboa e Pádua**



Em determinado trecho dos seus escritos, Santo Antônio de Lisboa e Pádua parece sugerir o processo da reencarnação humana. Diz ele:

“A árvore é o corpo do homem. Embora tenha sido cortado com o machado da morte, tenha envelhecido na terra e apodrecido reduzido a pó, deve todavia ter esperanças de reverdecer, isto é, de ressurgir, pois os seus membros não de brotar e ao cheiro da água, isto é, por benignidade da divina Sabedoria [1], germinará, relativamente à claridade, e fará copa, relativamente à imortalidade, quase como no princípio quando foi plantado no Paraíso.” [2]

O trecho descreve o renascimento humano (e vegetal) no plano físico, de acordo com as leis práticas da natureza, e não adota a ideia pouco natural de uma “ressurreição súbita” tal como é apresentada hoje, desde que houve a distorção sacerdotal do conceito antigo de ressurreição.

Inicialmente, *ressurreição* era um sinônimo de *reencarnação*. Depois a igreja “perdeu a memória” dos ensinamentos originais.

Por outro lado, é inegável que o termo ressurreição, além de “reencarnação”, também pode significar o renascimento subjetivo da alma espiritual no Devachan, inaugurando o longo descanso celestial a que a alma tem direito entre uma encarnação e outra, e que corresponde, de algum modo, ao Paraíso ou Céu dos cristãos.

As palavras de Santo Antônio acima não deixam muita dúvida: trata-se de uma reencarnação, e não de um renascimento no Devachan: o homem nasce outra vez num corpo feito de carne.

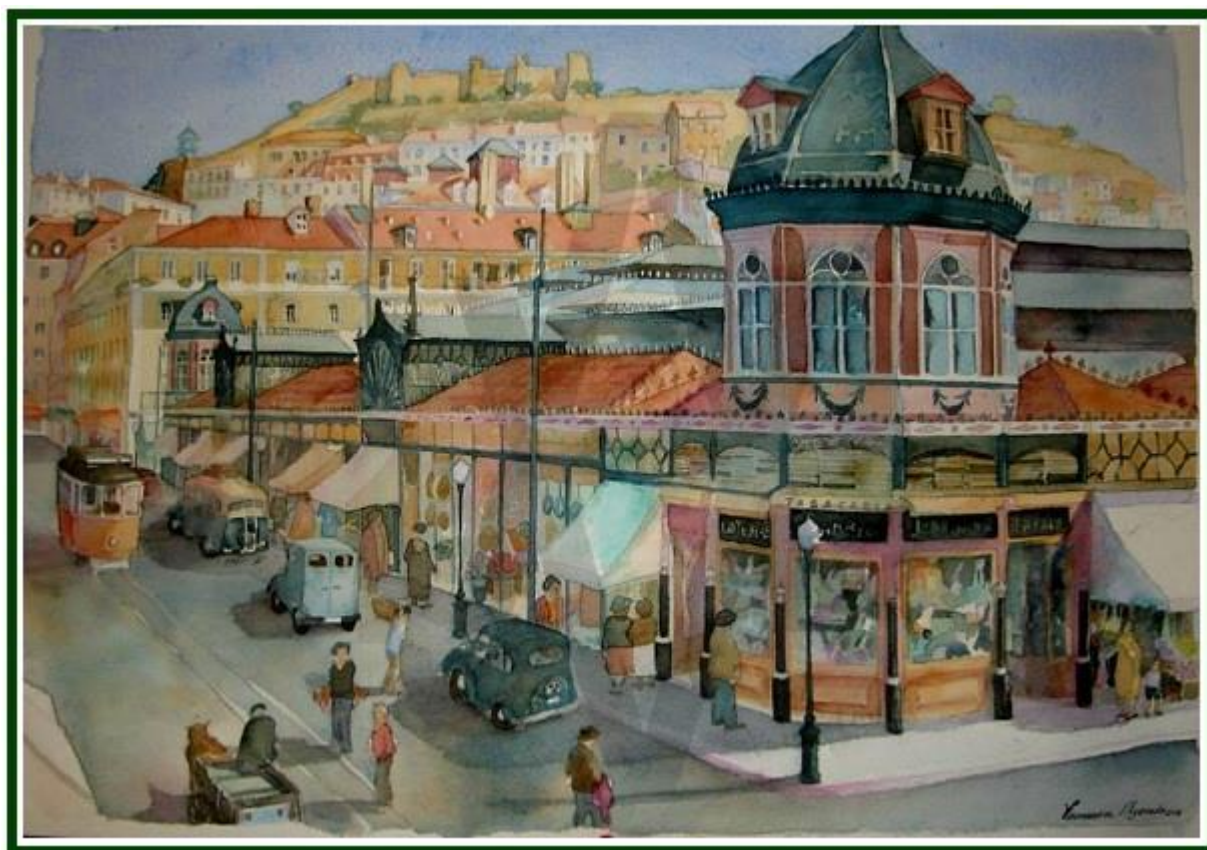
NOTAS:

[1] “Divina Sabedoria” é “Sabedoria Divina”, ou seja, “Theos-Sophia”, Teosofia.

[2] Do livro “Santo António de Lisboa - A Águia e a Treva”, de Maria Cândida da Costa Reis Monteiro Pacheco, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Portugal, 1986, 229 páginas, ver página 56.

Sete Ditados Luso-Brasileiros

A Dimensão Teosófica da Sabedoria Popular



Cais do Sodré em Lisboa antiga: aguarela de Vanessa Azevedo

* “**C**umpr sempre o teu dever se não te queres arrepende”. (p. 38)

Existe uma ioga do cumprimento do dever. É chamada Carma Ioga. O cumprimento do dever pessoal inclui escutar e obedecer à voz da nossa consciência, nossa alma imortal. Cabe, assim, combinar do modo mais harmonioso possível os diferentes níveis de dever que temos: diante de nós mesmos, na família, na profissão, na comunidade, em relação ao mundo divino.

* **“De calar ninguém se arrependa quando na discussão ninguém se entenda.”** (p. 39)

Durante um debate acalorado, as ideias todas começam a ficar distorcidas, devido ao modo ansioso de pensar. Onde as vozes se elevam, o sentido de justiça corre perigo.

* **“Encobrir o erro é errar outra vez.”** (p. 48)

A hipocrisia é o caminho largo para dores desnecessárias. A humilde sinceridade, porém, funciona como alicerce sólido da paz.

* **“Há três coisas que jamais voltam: a flecha lançada, a palavra dita e a oportunidade perdida.”** (p. 55)

A Oportunidade é uma deusa que passa a toda velocidade à nossa frente. Cada palavra gera carma. A palavra sábia produz felicidade; a tolice abre as portas do sofrimento.

* **“Mais vale cautela que arrependimento.”** (p. 60)

Prevenir é melhor do que remediar. Pense antes de agir.

* **“Mais vale um coração sem palavras que palavras sem coração.”** (p. 61)

Um silêncio sincero é preferível a palavras falsas.

* **“Merece primeiro e pede depois.”** (p. 63)

Helena Blavatsky escreve no seu artigo [“Chelas e Chelas Leigos”](#): “Antes de desejar, faça por merecer”. Ao invés de perder tempo sonhando com a colheita do que não plantou, plante você mesmo aquilo que pretende colher.

000

O texto acima apresenta comentários a alguns dizeres populares do livro **“Os Provérbios dos Nossos Avós”**, de José Alves Reis, Litexa Editora, Lisboa, 2014, 312 páginas. Os números de páginas dos provérbios estão indicados ao final de cada um deles.

000

Os Sonhos de Grandeza **A Luz da Alma Imortal Pode** **Causar Tempestades em Copo D’Água**

Vale a pena observar a relação entre dois fatores centrais na vida de todo ser humano. De um lado, temos as tempestades em copo d’água, ou seja, aquelas lutas, crises e vitórias aparentemente intensas mas que, quando são vistas de modo correto, percebemos que não têm profundidade ou durabilidade em si mesmas. De outro lado, temos o despertar da verdadeira grandeza humana.

De uma forma ou de outra, todos os seres humanos têm sonhos de grandeza, ainda que nem sempre falem sobre eles. Qual é, porém, a fonte de tais sonhos? A questão merece um exame. O que é grande anda junto com o que é imortal.

O pensador francês Claude Aveline refletiu certa vez:

“O que é a morte? É um momento desagradável pelo qual devemos passar.” [1]

De fato, a “morte” é somente a passagem da vida para uma nova etapa. A teosofia ensina que a consciência interna não morre, mas apenas abandona a casca ou instrumento físico que lhe foi útil durante algum tempo. O passado, o presente e o futuro fazem parte do tempo cíclico de longo prazo, quase eterno e indivisível, em que existe a verdadeira alma.



No seu aspecto mais elevado, os sonhos grandiosos de cada indivíduo são, na verdade, uma recordação involuntária do chamado “Devachan”. Eles constituem uma tentativa quase sempre tosca de resgatar o longo período de bem-aventurança devachânica que - segundo a regra geral - o indivíduo vivenciou antes do início da atual encarnação.

Mas o futuro não está separado do presente, e os sonhos de grandeza constituem também uma aspiração involuntária e uma antecipação do próximo Devachan. Ou talvez sejam uma busca indireta da felicidade interior que pode ser encontrada ainda durante a existência atual. O êxito da busca, naturalmente, dependerá da natureza da meta, da qualidade das aspirações, e da quantidade de discernimento.

[Clique para ler todo o artigo “Os Sonhos de Grandeza”](#)

NOTA:

[1] A frase é do livro “Les Réflexions de Monsieur F.A.T.”. **Claude Aveline** é o pseudônimo cultural e literário usado pelo cidadão francês **Evgen Avtsine** (1901-1992). Claude nasceu na França, filho de pais russos, e lutou na resistência francesa durante a segunda guerra mundial. Uma das suas obras mais conhecidas é uma narrativa da [Lenda de Buddha](#).

O Mistério de Dom Caio

Uma História Sobre Coragem: As Lições Filosóficas de Um Conto Infantil

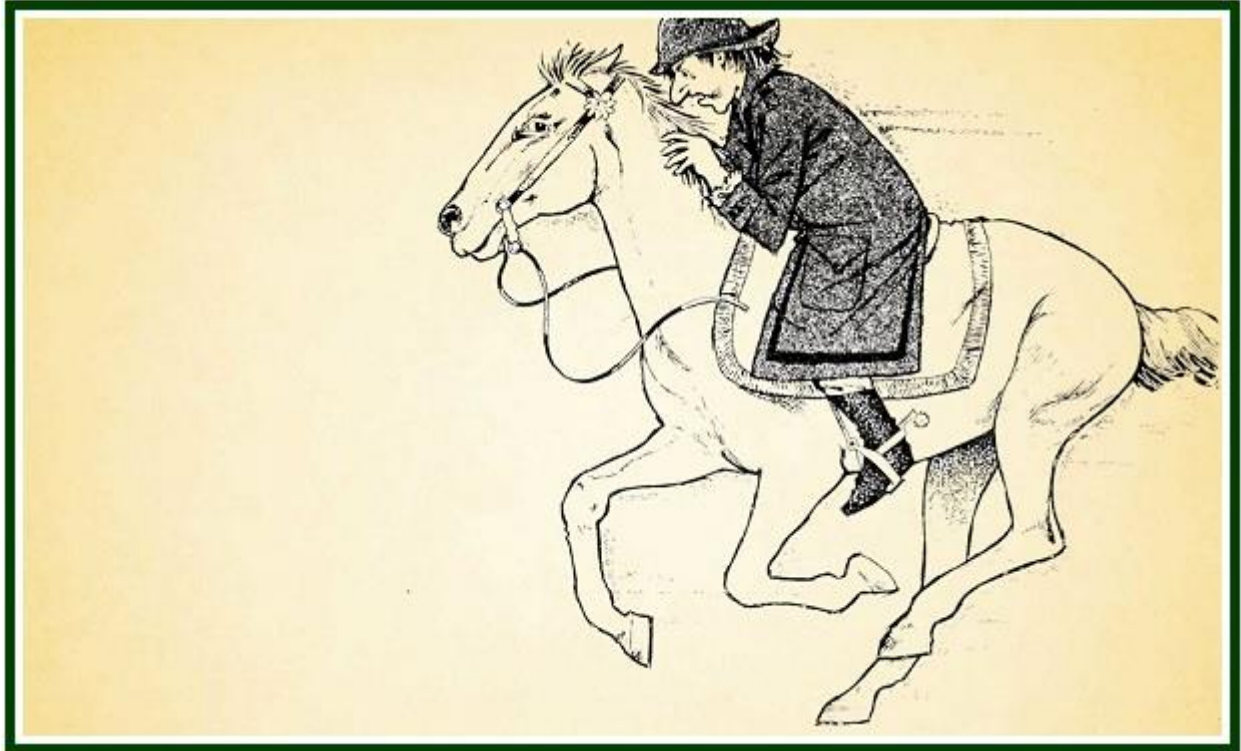


Imagem reproduzida do “Livro de Leitura Para a 4ª Classe”

[A seguinte história para crianças contém elementos úteis para a caminhada espiritual. Na busca da verdade, também, a coragem moral e a coragem física são ambas necessárias, em proporções ditadas pelo temperamento de cada um.]

Era uma vez um alfaiate muito medroso, que estava trabalhando à porta da rua. Como tinha medo de tudo, o seu gosto era fingir de valente. Vai de uma vez viu muitas moscas juntas e de uma pancada matou sete. Daqui em diante não fazia senão gabar-se:

- Eu cá mato sete de uma vez!

Ora o rei andava muito atrapalhado, porque lhe tinha morrido na guerra o seu general D. Caio, que era o mais valente dos que havia, e as tropas do inimigo já vinham contra ele, porque sabiam que não tinha quem mandasse a combatê-las. Os que ouviram o alfaiate andar a dizer por toda a parte: - “Eu cá mato sete de uma vez!” - foram logo metê-lo no bico ao rei, que se lembrou de que quem era assim tão valente seria capaz de ocupar o posto de D. Caio.

Veio o alfaiate à presença do rei, que lhe perguntou:

- É verdade que matas sete duma vez?

- Saberá vossa Majestade que sim!

- Então, nesse caso, vais comandar as minhas tropas e atacar os inimigos que já me estão cercando.

Mandou vir o fardamento de D. Caio e fê-lo vestir ao alfaiate, que era muito baixinho e que ficou com o chapéu de bicos enterrado até às orelhas; depois, disse que trouxessem o cavalo branco de D. Caio, para o alfaiate montar. Ajudaram-no a subir para o cavalo, e ele já estava a tremer como vara verde; assim que o cavalo sentiu as esporas, botou à desfilada, e o alfaiate começou a gritar:

- Eu caio! Eu caio!

Todos os que o ouviram, por onde ele passava diziam:

- Ele agora diz que é D. Caio; já temos homem!

O cavalo, como andava habituado às escaramuças, correu para o sítio em que ocorria a guerra; e o alfaiate, com medo de cair, ia agarrado às crinas, a gritar, como desesperado:

- Eu caio! Eu caio!

O inimigo, assim que viu o cavalo branco do general valente, e ouviu o grito: - Eu caio! Eu caio! - conheceu o perigo em que estava, e disseram os soldados uns para os outros:

- Estamos perdidos, que lá vem o D. Caio; lá vem o D. Caio!

E deitaram a fugir à debandada; os soldados do rei foram-lhes no encalço e os mataram, e o alfaiate ganhou assim a batalha, só em agarrar-se ao pescoço do cavalo e gritar: - Eu caio!

O rei ficou muito contente com ele, e ninguém fazia senão louvar o sucessor de D. Caio, pela sua coragem.

(De Teófilo Braga, conto modificado para um livro escolar português.)[1]

Comentários de 2023:

* Vemos aqui, em primeiro lugar, um exemplo de como o medroso pode passar por herói, enquanto o verdadeiro herói nem sempre é reconhecido como tal.

* Uma coisa é a realidade dos fatos, e outra muito diferente é o modo como o povo vê, ou imagina, os fatos. O contraste entre as duas coisas pode ser radical.

* Todos somos heróis em algumas áreas da vida, em que escolhemos dar combate; mas não somos tão corajosos em outros aspectos da existência, menos importantes para nós. O alfaiate provavelmente era um bravo guerreiro na sua profissão, lutando sem tréguas para sustentar e proteger a sua família, e era um herói para seus filhos, como para sua esposa. O heroísmo de um pai de família não deve ser subestimado jamais. E tampouco o heroísmo de uma mãe.

* Às vezes o ser humano é colocado pelas circunstâncias em uma situação para a qual se sente despreparado, mas na qual não tem opção exceto avançar. Nestas ocasiões, o bom carma e a intuição podem oferecer uma saída favorável.

* Lutando emocionalmente para ter uma autoimagem positiva de si mesmo, o alfaiate ficou vaidoso por matar algumas moscas. Coisas parecidas acontecem a muita gente. Ele passou a contar vantagem e, como resultado, foi levado ao outro extremo, passando por uma crise de pânico. De fato, toda vaidade pessoal revela a falta de uma autoestima profunda. O final feliz do episódio - resultado do Carma - permitiu ao alfaiate ter mais autoconfiança e mais autoestima, daquele momento em diante.

* O conto mostra que tanto a opinião pública como as autoridades podem tomar decisões com base em meras aparências. “Na guerra, a primeira vítima é a verdade”, diz o ditado popular. E mesmo em tempos de paz, os líderes de um país com frequência avançam de uma ilusão para outra, dando explicações superficiais para os problemas que enfrentam - porém fazem isso com aparência de mais sincera convicção. E nem sempre ocorre um final feliz, como neste conto.

* Devemos ter cautela ao avaliar a realidade e ao avaliar pessoas. “Só sei que nada sei”, dizia Sócrates; e Sócrates era considerado o homem mais sábio da Grécia antiga.

* Cada um de nós tem uma visão sempre precária e provisória dos fatos ao nosso redor. É preciso estar o tempo todo disposto a aprender, a corrigir e aprimorar o nosso ponto de vista.

(CCA)

NOTA:

[1] Do “Livro de Leitura Para a 4ª Classe”, Série Escolar Educação, Ensino Primário, Textos Com Aprovação Oficial, Editora Educação Nacional, Porto, Portugal, 142 pp., ver pp. 111-112; Reprodução fotolitográfica e impressão offset da Litografia União, Vila Nova de Gaia, Portugal. O volume foi publicado durante o terceiro governo do Estado Novo, ou seja, entre setembro de 1968 e abril de 1974.

000

Dois Livros Sobre a Reencarnação no Judaísmo



Reencarnação e Judaísmo

<https://www.sefer.com.br/reencarnacao-e-judaismo/1/>

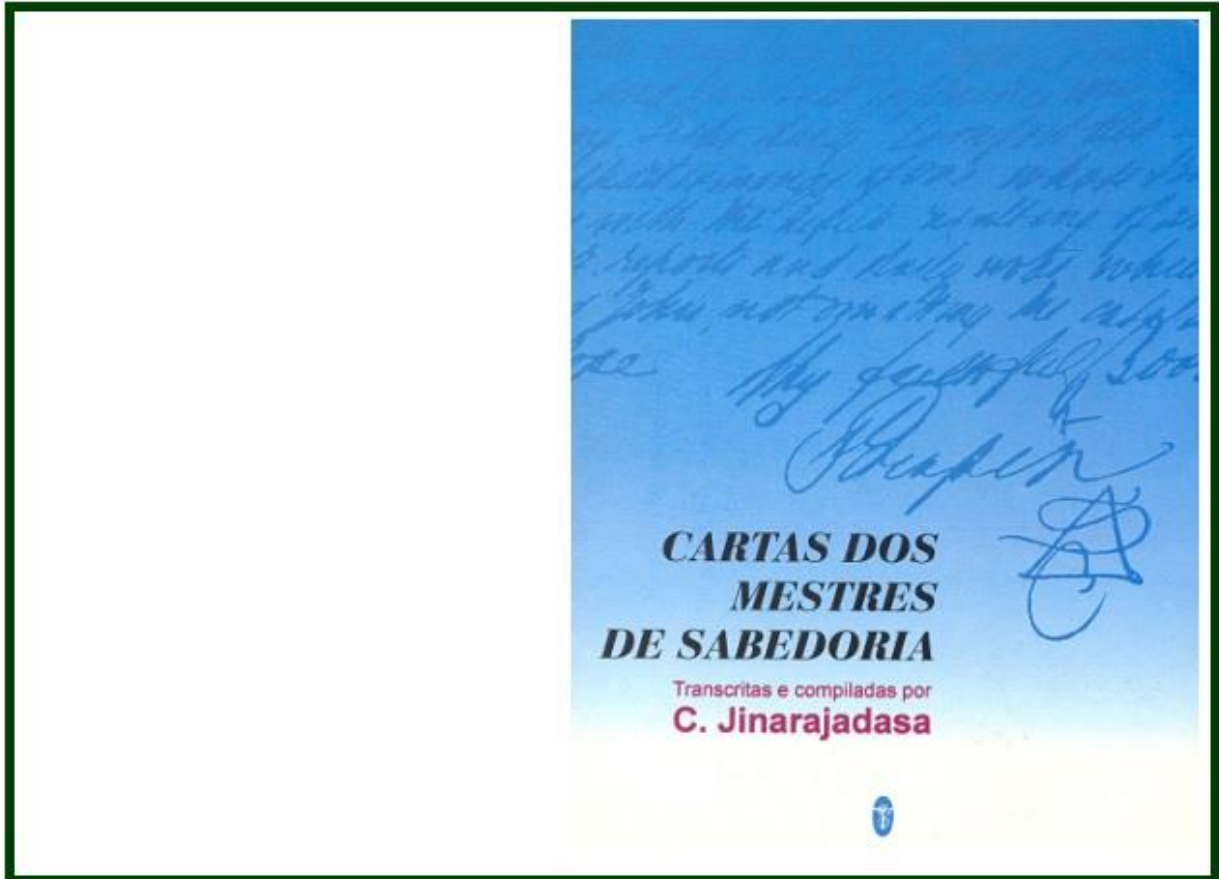
Portal das Reencarnações

<https://www.sefer.com.br/portal-das-reencarnacoes/1/>

000

Ideias ao Longo do Caminho

O *Chohan* Fala Sobre Cristianismo - e Avalia a Condição Moral do Mundo



Capa da edição brasileira de “Cartas dos Mestres de Sabedoria”

* O *Maha-Chohan* é um Mahatma ou Adepto mais elevado, a quem os mestres espirituais de Helena P. Blavatsky reverenciam como seu mestre. Por isso alguns estudantes se referem a ele como “mestre dos mestres”. A Carta 01 de “Cartas dos Mestres de Sabedoria” [1] reproduz o documento geralmente conhecido como “Carta do Maha-Chohan”. Trata-se de uma carta de 1881, escrita por um Mestre de Sabedoria que narra o que o Maha-Chohan disse quando consultado sobre o dharma e o dever do movimento teosófico moderno, fundado quase sete anos antes, em 1875.

* O documento é visto por estudantes experientes como um dos textos teosóficos mais importantes de todos os tempos. O mestre faz críticas severas às religiões dogmáticas, mas expressa uma visão positiva sobre o Cristianismo Místico e as tradições de sabedoria interior presentes nas diferentes religiões.

* O *Chohan* afirma: “O Cristianismo místico, isto é, aquele Cristianismo que ensina a autolibertação através do nosso próprio sétimo princípio [2] - o *Para-Atma (Augoeides)* libertado, chamado por alguns de Cristo, por outros, de Buda, e equivalente à regeneração ou renascimento em espírito - será visto como exatamente a mesma verdade do Nirvana do Budismo. Todos nós temos de nos livrar de nosso próprio Ego, o ser ilusório e aparente, a fim de reconhecer nosso verdadeiro ser em uma vida divina transcendental. Mas, se não formos egoístas, devemos esforçar-nos e fazer com que outras pessoas vejam essa verdade, e reconheçam a realidade desse ser transcendental, o Buda, Cristo ou Deus de cada pregador.”

* E o que se pode pensar da situação moral da humanidade? O mestre reproduz as palavras do *Chohan*: “Para serem verdadeiras, a religião e a filosofia têm de oferecer a solução de todos os problemas. Que o mundo esteja moralmente em tão má condição é uma evidência conclusiva de que nenhuma de suas religiões e filosofias, aquelas das raças *civilizadas* menos do que qualquer outra, jamais possuíram a *verdade*.” ([Parágrafo final da Carta.](#)) As palavras “raças *civilizadas*”, aqui, são uma referência às nações materialmente mais ricas do Ocidente, isto é, os países colonialistas e neocolonialistas que se apresentam como “a polícia do mundo” e fabricam guerras para impor o seu poder.

* O fato de que o movimento teosófico começou a fracassar no terreno da Ética ainda enquanto HPB estava fisicamente viva pode ser constatado lendo o artigo “[A Autocrítica de Helena Blavatsky](#)”. É fácil, portanto, compreender que a tarefa central dos teosofistas no século 21 inclui enfrentar e realizar a tarefa que agora desafia a humanidade, porque *a moralidade é a arte de plantar bom Karma*, e todos devem *fazer por merecer*, antes de *desejar* progresso espiritual.

* A Carta do Maha-*Chohan* faz um alerta em um dos seus primeiros parágrafos: “Entre a superstição degradante e o ainda mais degradante e brutal materialismo, a pomba branca da verdade dificilmente encontra um lugar onde possa descansar seus pés desprezados e exaustos.”

* Algumas linhas mais adiante o *Chohan* acrescenta: “As doutrinas fundamentais de todas as religiões se comprovarão idênticas em seu significado esotérico, uma vez que sejam desagrilhoadas e libertadas do peso morto representado pelas interpretações dogmáticas, dos nomes pessoais, das concepções antropomórficas e dos sacerdotes assalariados. Osíris, Krishna, Buda e Cristo serão apresentados como nomes diferentes de uma mesma estrada real para a bem-aventurança final, o Nirvana.”

* O fato de que há muitas ideias centrais em comum entre o cristianismo místico e os Mestres de Sabedoria do Oriente fica claro também na Carta 02 da primeira série em “Cartas dos Mestres de Sabedoria”: “Sejam verdadeiros, leais a suas promessas, ao seu dever sagrado, ao seu país e a suas próprias consciências”, diz a Carta. E o mestre acrescenta: “Sejam tolerantes com os demais, respeitem os pontos de vista religiosos dos outros, se desejam que os seus próprios sejam respeitados.”

* Num *pós-escrito* à mesma carta, o mestre menciona a necessidade de autopurificação e perdoa os *erros pessoais* dos estudantes. Ao referir-se ao dever moral de cada peregrino, o instrutor usa palavras que são ouvidas com frequência em círculos cristãos, como *pecado* e *perdão*:

* “Que nenhum *Carma* adicional seja atribuído àqueles que pecaram no ano que passou, em pensamento bem como em ação. Pessoalmente estão perdoados. Que um novo ano e novas esperanças iniciem para eles.”

NOTAS:

[1] “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, transcritas e compiladas por C. Jinarajadasa, Editora Teosófica, Brasília, 1996, 295 páginas. Ver carta 1, primeira série, pp. 17 a 22. A [Carta do Maha-Chohan](#) está disponível nos websites da [Loja Independente de Teosofistas](#).

[2] Os mestres de sabedoria com frequência se referem aos sete princípios da consciência humana, porque eles nos permitem compreender a ligação entre os seres humanos e a vida cósmica. Sobre este tema central - largamente ignorado em pseudoteosofia - leia os artigos “[Os Sete Princípios da Consciência](#)”, “[Os Sete Princípios do Movimento](#)”, e “[A Ponte Entre Céu e Terra](#)”.

000

O Progresso Espiritual

Helena P. Blavatsky



Estas bem conhecidas linhas de Christina Rossetti:

“O caminho serpenteia montanha acima, o tempo todo?”

- Sim, o tempo inteiro.

E o trajeto de cada dia, toma o dia todo?”

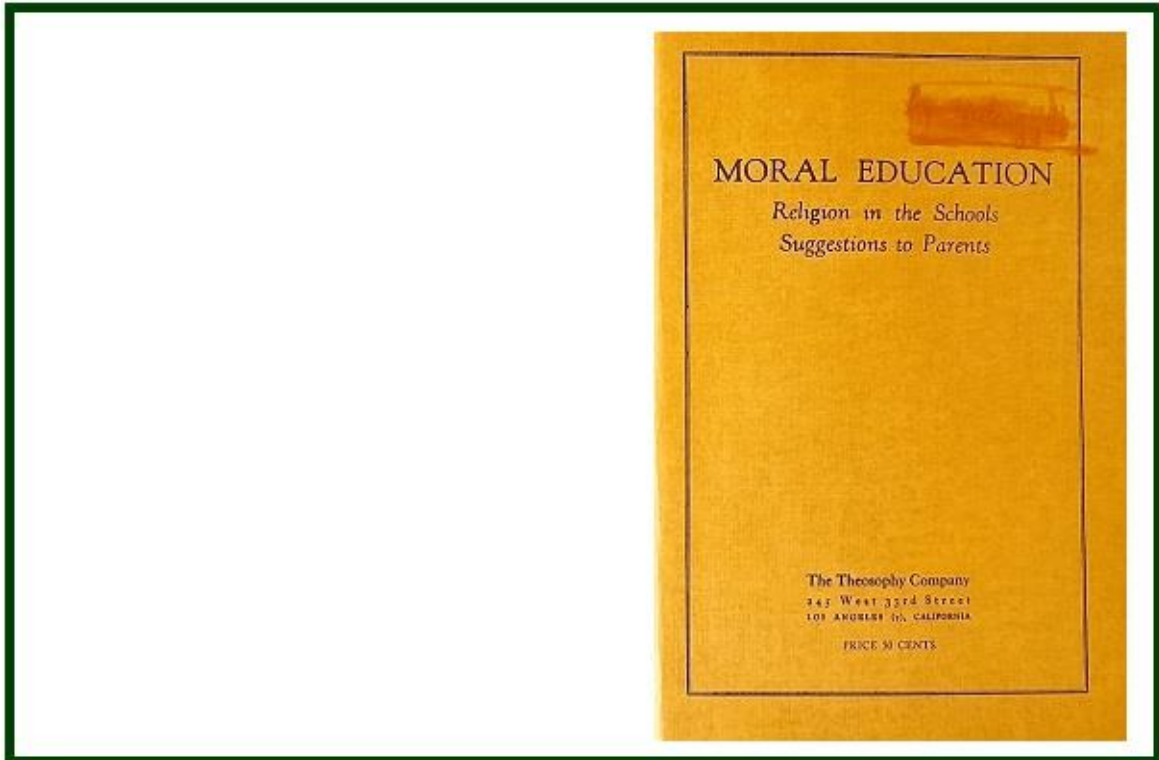
- Da manhã à noite, companheiro.”

- são como uma síntese da vida daqueles que estão realmente trilhando o caminho em direção às coisas mais elevadas.

[Clique aqui para ler ‘O Progresso Espiritual’](#)

000

Uma Falta Generalizada de Ética:
**O Problema Moral dos
Estados Unidos e do Ocidente**
Trecho de um Ensaio Teosófico
Publicado no Meio do Século 20



“No passado, a América do Norte foi simplesmente rude e bárbara; agora ela está se tornando esperta, suave e corrupta.”

“Sem alguma concepção do ser humano como essencialmente um agente moral, sem alguma ideia das fontes do bem e do mal que há na vida humana - colocada em termos de princípios simples -, a grande massa da humanidade cai necessariamente no interesse egoísta como se ele fosse a única base ‘prática’ para a tomada de decisões morais.”

A educação na América do Norte perdeu o seu sentido de nobreza, de aspiração, o seu idealismo essencial. A educação não é mais um meio de alcançar a integridade ampla que dá a uma nação uma reserva salvadora de indivíduos que são moral e intelectualmente elevados. A educação se tornou algo vulgar, sem valor.

Os recém-formados das universidades norte-americanas trazem apenas as suas inteligências astuciosas para a luta industrial, a guerra econômica. Os eruditos e literatos emprestam os seus intelectos para as campanhas políticas que estão na moda, para os enganos e a doutrinação do nacionalismo. [1] Os profissionais das universidades compõem as linhas persuasivas da moderna cópia propagandística, pervertendo a ciência, a arte, pervertendo o patriotismo e até mesmo a maternidade para fins comerciais. [2] Profissionais das universidades praticam a sombria moralidade da intriga diplomática, seguindo a *realpolitik* do Século Norte-Americano enquanto invocam as palavras dos mortos ilustres do passado para justificar as suas ações desonestas em nome da liberdade e da democracia.

E o povo - os graduados das escolas e universidades norte-americanas - se submete passivamente a todas estas coisas, expressando, às vezes, uma aprovação cínica, falando às vezes de modo doutoral sobre a necessidade de “ser prático”, e justificando assim as costumeiras desonestidades praticadas pelos líderes na vida pública. No passado, a América do Norte foi simplesmente rude e bárbara; agora ela está se tornando esperta, suave e corrupta.

Isso não quer dizer que os educadores dos Estados Unidos são responsáveis por todos os problemas morais e sociais que os críticos possam descobrir. Mas serve para indicar o tipo de apatia em relação a estes problemas que o atual sistema de educação é incapaz de eliminar.

Sem alguma concepção do ser humano como essencialmente um agente moral, sem alguma ideia das fontes do bem e do mal que há na vida humana - colocada em termos de princípios simples -, a grande massa da humanidade cai necessariamente no interesse egoísta como se ele fosse a única base “prática” para a tomada de decisões morais.

O educador progressista é em geral um ser intensamente altruísta, mas um altruísta sem princípios. Não há uma lógica interna na filosofia pragmática que justifique ou recomende trabalhar pelo bem dos outros. Como o educador progressista pode transmitir a sua profunda preocupação pelo bem-estar dos seus semelhantes? Qual é a base da sua doutrina da fraternidade humana? *Por que motivo* os seres humanos deveriam preocupar-se se outros seres humanos são explorados, ou sofrem discriminação devido a preconceitos de classe social, de cor da pele ou religião?

A convicção moral dos poucos necessita uma explicação, assim como a apatia moral dos muitos. E porque esta explicação está faltando, os educadores progressistas e outros seguidores do pensamento naturalista tendem a pensar que estas diferenças entre os homens não têm importância, ou que nem sequer existem. O naturalismo, como base de todas as ideias éticas, é superficial e anti-histórico, levando a programas de ação ultra-otimistas, que ignoram as realidades da natureza humana e são, portanto, incapazes de lidar com elas.

Ao rejeitar a metafísica, o educador progressista - ansioso por estabelecer uma base moral para as relações humanas - afasta-se do único alicerce durável de uma vida moral. As ideias morais têm como alicerce princípios metafísicos. Elas podem e devem ser examinadas criticamente com base na experiência, devem ser comprovadas pela vida, mas elas não são resultado apenas da experiência - do mesmo modo que o cérebro não produz apenas pensamentos, e o fígado não produz apenas bÍlis, ao contrário do que Cabanis pensava.

As ideias morais são características humanas inatas; elas sempre têm sido e serão sempre mais fortes do que os fatos e as estatísticas. As ideias morais causam a organização dos fatos e das estatísticas, conforme é comprovado na história do pensamento social. O que necessita ser

examinado, portanto, desde o início, é a qualidade das nossas ideias morais. Elas podem ser eticamente saudáveis na sua inspiração, e decisivamente distorcidas na sua interpretação, por causa de alguma ideia preconcebida e subconsciente dos tempos atuais. O ardor humanitário, progressista ou conservador, não é suficiente.

(Um Teosofista Anônimo)

NOTAS:

[1] Nacionalismo - alusão ao nacionalismo arrogante de superpotência, que surgiu nos Estados Unidos após a segunda guerra mundial e que nada tem a ver com o nacionalismo correto de países que buscam uma relação justa e respeitosa entre as nações. (CCA)

[2] No século 21, nos Estados Unidos e em países que os imitam, como o Brasil, as crianças são tratadas como “consumidoras”, e até a infância é desrespeitada e explorada para fins comerciais. (CCA)

000

Traduzido por CCA do livreto de 51 páginas “**Moral Education**”, cujo subtítulo é “Religion in the Schools, Suggestions to Parents” (Religião nas Escolas, sugestões para pais e mães). Foi publicado por Theosophy Company, Los Angeles, Califórnia, EUA, ver pp. 16-17. O autor é anônimo. A data da publicação é incerta. É mais recente do que 1944, porque na página 47 há referência a uma revista publicada em agosto de 1945. Não deve ser posterior a 1965. O livreto pertence portanto à época pós-Garrigues da Theosophy Company e da Loja Unida de Teosofistas.

000

Clique para ver:



Uma Batalha Diária - A Ponte Para Uma Bênção Infinita Pode Ser Encontrada no Ciclo de 24 Horas

000

abandona a sua paixão que o degrada e consome - é por impotência da vontade; não é por ignorância do mal que o fumador continua a irritar a garganta, os brônquios e a intoxicar o sistema nervoso, não é por desconhecimento do mal, é por fraqueza da vontade; e o vicioso, o debochado, ignora ele porventura aonde o levam os seus desvarios, em que perde a saúde, a fazenda e a reputação? Não é a inteligência que falta, é a vontade que mingua.

E o pobre jogador, que se balouça todos os dias sobre o abismo, dominado pela vertigem dum sucesso, que sempre lhe escapa, é a vítima da ignorância ou da abulia? São os doentes da vontade, os débeis da vontade; farrapos humanos que o destino arrasta, como as folhas mortas, levadas pelo vento do outono.

A nossa incúria em cultivar e desenvolver a vontade é verdadeiramente criminosa. Quantas vezes dizemos diante de crianças: “Faz-me mal, mas não lhe posso resistir.” Não podemos porque não nos dispomos a querer.

Prevost, o célebre abade, escreveu: “Como é difícil retomar um pouco de vigor, quando fizemos um hábito da fraqueza! Custa tanto a combater pela vitória, quando nos costumamos à doçura de nos deixar vencer!”

Ser forte de vontade é a primeira condição da moral e do carácter. Sem esta base, sem uma vontade forte, todo o edifício moral desabarà ao sopro da primeira tempestade. Quantas vezes o cristão paga as fraquezas do homem.

Façamos homens primeiro que tudo.

Alguém, que muito tinha visto e meditado, dizia: “Não se podem ter cristãos fortes com naturezas fracas e anêmicas.” (...)

O ideal é o norte, ou a bússola para orientar o esforço; a atitude do espírito, a disposição da alma, favorável ao esforço, a decisão, é o querer; o exercício cotidiano é a ação. (...)

A técnica da ação para desenvolver a vontade está clara; - todos podem em cada momento procurar desenvolver esta preciosa faculdade. Uma abstenção de falar ou de ficar calado; a privação duma satisfação de vaidade, de curiosidade, de gula, de mil coisas é bastante para fortificar a vontade. Como há uma ginástica para fortificar os músculos entorpecidos, há também uma ginástica para tonificar uma vontade anêmica. [1] Num e noutra caso os peritos inventaram uma técnica apropriada.

NOTA:

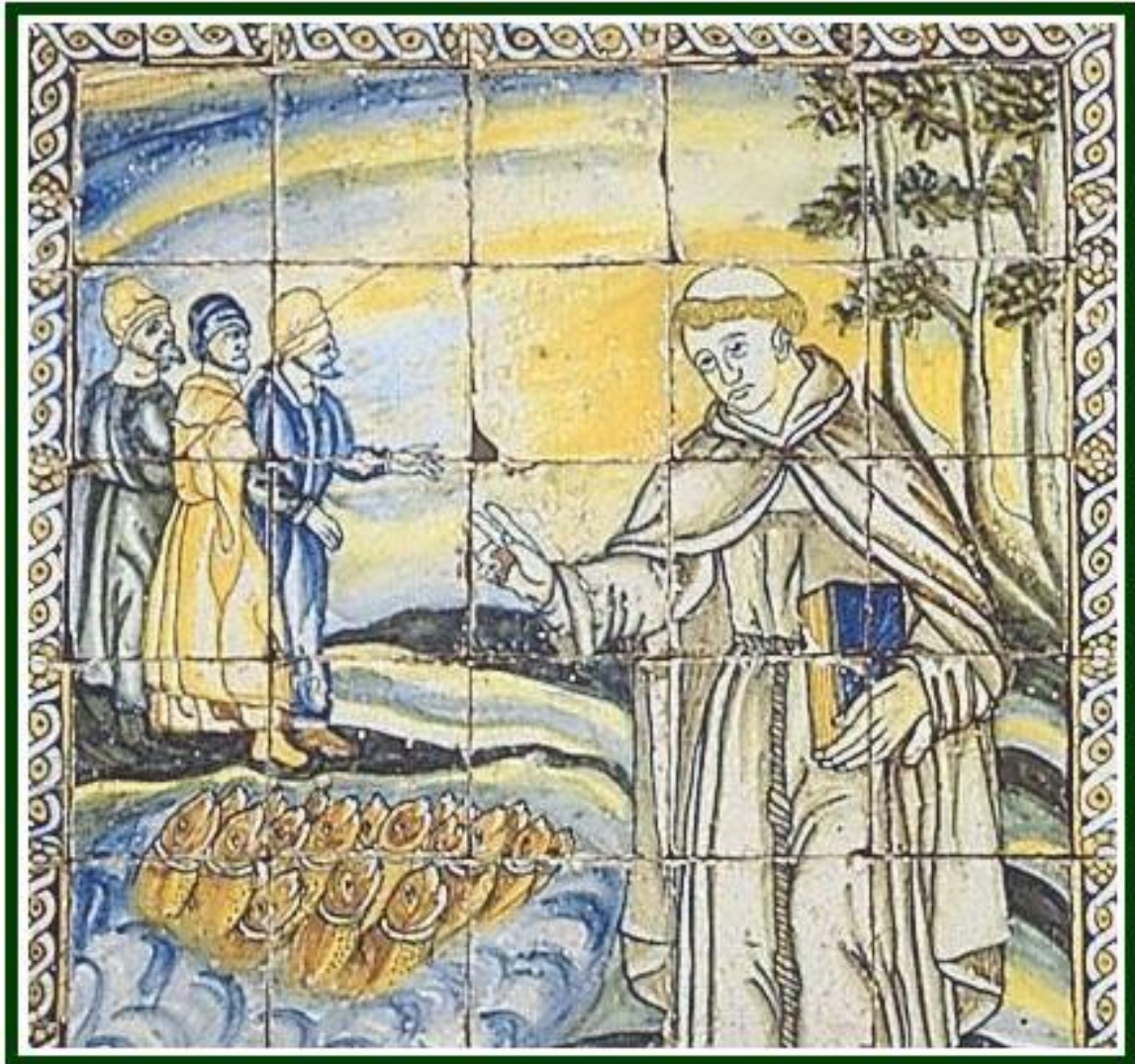
[1] A propósito da comparação entre o esforço espiritual e o esforço físico na ginástica, veja o item três no artigo “**A Consciência de um Mahatma**”, mais adiante nesta edição.

000

O texto acima, de João Serras e Silva (1868-1956), faz parte da Carta-Prefácio que abre o livro “**Papel da Vontade na Educação**”, de D. Manuel Trindade Salgueiro. A obra foi publicada por Casa do Castelo Editora, em Coimbra, Portugal, em 1942, e tem 246 páginas. Ver páginas 7 a 10.

000

A Contemplação Teosófica em Santo António de Lisboa e Pádua



Santo António prega aos peixes - visão parcial de um Painele de Azulejos no Museu de Lisboa Santo António

O homem espiritual, voltando da solicitude dos bens temporais, da inquietação dos pensamentos, entra na casa da consciência, e, fechada a porta dos cinco sentidos, descansa com a sabedoria, dedicando-se à contemplação divina, em que saboreia o repouso duma doçura superior.

(Santo António)

000

Palavras escritas por **Santo António de Lisboa e Pádua**, citadas no livro “**Santo António de Lisboa, a Águia e a Treva**”, de Maria Cândida da Costa Reis Monteiro Pacheco, 229 páginas, 1986, Editora Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, Portugal, ver p. 72.

000

- (a) mental e fisicamente;
- (b) mental, mas não fisicamente;
- (c) fisicamente, mas não por completo mentalmente;
- (d) nenhuma das opções, mas com uma película akáshica interposta entre o homem *externo* e o *interno*.

(3) Mesmo o menor exercício de poderes ocultos, portanto, como você verá agora, requer um esforço. Podemos compará-lo com o esforço muscular interno de um atleta que se prepare para usar sua força física. Assim como não é provável que algum atleta esteja sempre divertindo-se com dilatar suas veias na antecipação do fato de ter de levantar um peso, tampouco se pode supor que algum adepto vá manter sua vontade em constante tensão e o homem *interno* em completo funcionamento quando não há necessidade disso. Quando o homem *interno* descansa, o adepto se torna um homem comum, limitado aos seus sentidos físicos e às funções do seu cérebro físico.

O hábito aguça a intuição desse último, mas é incapaz de torná-lo supersensório. O adepto interno está sempre pronto, sempre alerta, e isso é suficiente para nossas necessidades. Em momentos de descanso, portanto, suas faculdades também estão em descanso.

Quando sento para minhas refeições, ou quando estou me vestindo, lendo ou ocupado de outro modo, não penso sequer naqueles que estão próximos a mim; e Djual Khood pode facilmente quebrar seu nariz e fazê-lo sangrar, ao bater no escuro contra uma viga, como fez uma noite destas - (apenas porque, ao invés de lançar uma ‘película’, ele tolamente paralisou todos os seus sentidos exteriores enquanto falava com um amigo distante) - e eu fiquei placidamente inconsciente do fato. *Eu não estava pensando nele* - daí minha inconsciência.

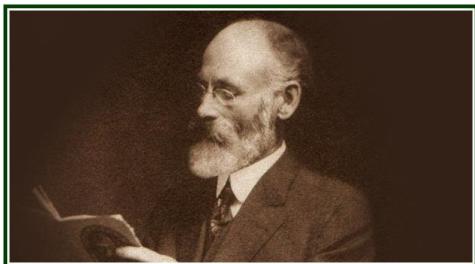
A partir do que foi dito acima, você pode deduzir facilmente que um adepto é um mortal comum em todos os momentos da sua vida exceto aqueles em que o homem *interno* está agindo.

(Mahatma K.H.)

000

Reproduzido de “**Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett**”, Ed. Teosófica, Brasília, edição em dois volumes, 2001. Ver volume II, Carta 85-B, pp. 36-37. Na transcrição, dividimos alguns parágrafos maiores em parágrafos menores para facilitar a leitura reflexiva.

000



Leia o artigo “[Deixando os Mestres de Lado](#)”.

000

